

PAULO FREIRE: HISTÓRIAS DE ONTEM PARA ESPERANÇAR O HOJE

MÁRCIA COSTA RODRIGUES
ROSA HELENA MENDONÇA

RESUMO

O texto relata fragmentos de projetos de alfabetização, de formação de professores e de educação de jovens e adultos, tecidos com as ‘prácticasteorias’ do Patrono da Educação Brasileira, Paulo Freire. A costura dos relatos é realizada com títulos (e conteúdos) de algumas obras do autor, buscando compor uma historiografia do que acontecia no país a cada época. Uma das experiências aproxima o autor das salas de aula do Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral), criado pela ditadura militar, em substituição ao revolucionário movimento Freiriano, que causou seu exílio. O relato revela que, por trás dessa aparente contradição – Paulo Freire dentro das salas do Mobral – há táticas tecidas na vida cotidiana, carregadas de sentidos. Outra experiência refere-se ao programa Salto para o Futuro, da TV Escola e, a terceira, à implantação do Sesc Ler, com a criação de escolas de educação de jovens e adultos em cidades pequenas, no interior do país. Paulo Freire deixou-nos um legado com muitas histórias e reflexões sobre o modo de pensar e fazer educação, o que podemos conhecer através de suas publicações e feitos, e também por meio das nossas relações com elas, com os modos como nos apropriamos e nos reinventamos a partir das redes educativas que tecemos em diversos ‘espaçostempos’ nos quais ‘aprendemosensinamos’. Reencontrá-lo nesses tempos de pandemia sanitária, social e política é Esperançar.

Palavras-chave: Alfabetização; Formação de professores; Cotidianos; Esperançar.

PAULO FREIRE: HISTORIAS DE AYER PARA ESPERAR HOY

RESUMEN

El texto relata fragmentos de proyectos de alfabetización y educación de jóvenes y adultos entretejidos con las teorías prácticas del Patrono de la Educación Brasileña, Paulo Freire. Los relatos se hilvanan con títulos (y contenidos) de algunas obras del autor, en un intento de componer una historiografía de lo que ocurría en el país en aquella época. Una de las experiencias acerca al autor a las aulas del Movimiento Brasileño de Alfabetización (Mobral), creado por la dictadura militar para sustituir al movimiento revolucionario freireano, lo que provocó su exilio. El relato revela que detrás de esta aparente contradicción, Paulo Freire dentro de las aulas de Mobral, hay tácticas tejidas en la vida cotidiana, cargadas de significados. Otra experiencia se refiere Otra experiencia se refiere al programa de televisión Salto para o Futuro, en TV Escola y, la tercera, a implantación del Sesc Ler, con la construcción de escuelas de educación de jóvenes y adultos en pequeñas poblaciones del interior del país. Paulo Freire nos dejó un legado de muchas historias y reflexiones sobre la forma de pensar y hacer educación, que podemos conocer a través de sus publicaciones y realizaciones, y también a través de nuestras relaciones con ellas, con las formas como nos apropiamos y reinventamos a partir de las redes educativas que tejemos en los diferentes espacios y tiempos en que aprendemos y

enseñamos. Reencontrarlo en estos tiempos de pandemia sanitaria, social y política es una ‘esperanza’.

Palabras clave: Alfabetización; Formación de maestros, Quotidiano; ‘Esperanza’.

PAULO FREIRE: STORIES OF YESTERDAY TO HOPE FOR TODAY

ABSTRACT

The text reports fragments of literacy projects and youth and adult education woven with the practices and theories of the Patron of Brazilian Education, Paulo Freire. The connection of the reports is made with titles (and contents) of some of the author's works, seeking to compose a historiography of what was happening in the country at each time. One of the experiences brings the author closer to the classrooms of the Brazilian Literacy Movement (Mobral), created by the military regime to replace the revolutionary Freirean movement, which caused his exile. The narrative reveals that, behind this apparent contradiction, Paulo Freire inside the classrooms of Mobral, there are tactics constructed in everyday life, loaded with meanings. Another experience refers to the TV program Salto para o Futuro, on TV Escola and, the third, to the implementation of Sesc Ler, with the construction of youth and adult education schools in small towns in the countryside of Brazil. Paulo Freire left us a legacy with many stories and reflections on the way of thinking and doing education, which we can get to know through his publications and achievements, and also through our relations with them, with the ways in which we appropriate and reinvent ourselves from the educational networks we weave in the various spaces and times where we learn and teach. To find him again in these times of sanitary, social and political pandemic is to create ‘hope’.

Keywords: Literacy; training teacher; Daily life; ‘Hope’.

Primeiras palavras

E esperança, do verbo esperar não é esperança, é espera.
Esperançar é se levantar, esperançar é ir atrás.
Esperançar é construir. Esperançar é não desistir!
(Paulo Freire)

Este texto emerge de conversas entre duas professoras-pesquisadoras que, ao retomar suas experiências com a obra de Paulo Freire, relatam parte de suas trajetórias individuais que refletem uma época histórica e falam, ainda, dos seus caminhos que se entrecruzam em diferentes ‘espaçostempos’ de educação.

Se acompanharmos alguns títulos das publicações de Paulo Freire (1921/1997), poderemos entender um pouco do que acontecia no país no período em que as obras vieram a público e os modos de ‘*versentirouvirrefletiragir*’ desse grande educador brasileiro. Elegendo alguns destaques, é possível realizar alinhamentos com algumas associações desses ‘*títulosconteúdos*’ com uma escrita da história correspondente à época de suas publicações: “Educação como prática de liberdade” (1967); “Pedagogia do

oprimido” (1970); “Educação e mudança” (1981); “A importância do ato de ler” (1982); “Pedagogia da esperança” (1992); “Pedagogia da autonomia” (1996); e “Pedagogia da Indignação” (2000), publicado após sua morte. A intenção não é reconstruir a história, mas recuperar a potência e a correlação de seus textos com a crítica de cada época, identificando os *‘significadossignificantessentidos’* de suas *‘palavrasações’* como outros modos de entender o mundo, com a esperança de que seja melhor para todos. Em suas palavras: “A leitura, a escrita da palavra implicando uma releitura mais crítica do mundo como “caminho” para “reescrevê-la”, quer dizer, para transformá-la” (FREIRE, 1992, p.22).

Discorreremos aqui sobre os passos iniciais desta proposta, entrecruzados com algumas trilhas que percorremos em nossas experiências profissionais, tendo o Patrono da Educação Brasileira² como referência.

Toda pesquisa historiográfica está submetida a imposições, ligada a privilégios, enraizada em uma particularidade. É em função desse lugar que se instauram os métodos, que se delinea uma topografia de interesses, que os documentos e as questões, que lhes serão propostas, se organizam. (CERTEAU, 2002, p. 66).

Após o golpe de 1964 e a instauração da ditadura militar no Brasil, exilado no Chile, Paulo Freire publica “Educação como prática de liberdade”, que traz reflexões contundentes em relação ao processo de colonização e dominação do povo brasileiro e à transição para a industrialização, sem abandonar as características da verticalidade e da antidemocracia da política dominante. É nesse contexto que propõe que o trabalho de alfabetização não pode existir sem um processo de conscientização e democratização. Ele descreve um pouco do trabalho que realizou no Movimento de Cultura Popular do Recife, que tinha a proposta de espalhar 20 mil Círculos de Cultura pelo país, no Programa Nacional de Alfabetização do Ministério da Educação e Cultura (MEC), no governo João Goulart.

Paulo Freire relata também o trabalho de alfabetização de agricultores em Angicos-RN, onde ele já era considerado “uma praga comunista”. Nesse mesmo livro, o autor apresenta e justifica as características de seu trabalho de educação de adultos, através da proposta que fez para os estados do Rio de Janeiro e da Guanabara, sinalizando o começo da realização do projeto e das pesquisas no país, que inicialmente o acolheu no exílio.

Este ensaio tentará um pouco da história, dos fundamentos e dos resultados deste empenho no Brasil. Empenho que custou a seu Autor, obviamente, o afastamento de suas atividades universitárias, prisão, exílio. Empenho de que não se arrepende e que lhe valeu também compreensão e apoio de estudantes, de intelectuais, de homens simples do povo, engajados todos eles no esforço de humanização e libertação do homem e da sociedade brasileira. A estes, entre os quais muitos estão pagando na prisão e no exílio, pela coragem da rebeldia e pela valentia de amar, oferece o Autor este ensaio. (FREIRE, 1967, p. 44).

“Educação como prática da liberdade” carrega a afirmação corajosa de não ser possível alfabetizar quem não tem voz, ao mesmo tempo em que traz a liberdade como palavra-conceito das condições políticas do Brasil. É impressionante o vigor do texto, tanto do ponto de vista conceitual, carregado de referências e alinhamentos teóricos, quanto com relação à assertividade de uma proposição metodológica para adultos, que ultrapassa um simples manual de regras a seguir. Paulo Freire justifica a necessidade de não separar alfabetização e democratização, utilizando a história da formação do país, dos processos de dominação e exploração, que se reproduzem ainda hoje, não só no âmbito das escolas, lamentavelmente. Como um homem de esperança, ele também indica o que poderia ter sido se, na ruptura do colonialismo, as elites tivessem optado por uma sociedade mais aberta e inclusiva. Sofremos as consequências dessa escolha até os dias de hoje, quando comemoramos seu centenário de existência. Mas o cotidiano é o que é e não o que poderia ter sido...

A ditadura militar criou o Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral), a partir da repressão dos movimentos sociais existentes na época, com a lei nº 5.379/1967. Tratava-se de uma fundação de direito público, planejada pelo MEC e apoiada pela *United States Agency for International Development* (Usaid), que ficou conhecido como acordo MEC/Usaid, com o objetivo de alfabetizar inicialmente uma população urbana iletrada de 11,4 milhões de pessoas, entre 15 e 35 anos, até 1971, propondo a eliminação total do analfabetismo até 1975. O Mobral funcionou de 1970 a 1985, contando com recursos da Loteria Esportiva e do Imposto de Renda, além de doações de empresas estatais e particulares. Seus resultados sempre foram questionados por universidades e diferentes instituições, como a UNESCO. Com a Nova república, no governo de José Sarney, em 1985 transformou-se na Fundação Educar, extinta em 1990, no governo Fernando Collor.

O Mobral começou a funcionar em 1970. Tinha uma estrutura federal centralizada, com representações nos estados que mobilizavam voluntários nos municípios para atuarem nas salas de aula como alfabetizadores, em espaços cedidos em escolas, igrejas ou clubes. Não obstante todos os equívocos conceituais e políticos da proposta – o que eu, Márcia Costa Rodrigues, fui apreendendo na prática – foi nesse lugar que comecei minha vida profissional. Tinha 16 anos e fui convidada por um tio querido, Mauro Costa Rodrigues, apaixonado pelo projeto, a ser voluntária alfabetizadora. Ele também foi um dos responsáveis pelo Projeto Rondon e por me “contaminar” pela paixão de ser educadora. Mesmo reformado em 1969, continuou a atuar na área como Secretário Estadual de Educação, assessor de projetos de educação em Angola, Conselheiro Nacional de Educação, entre outras atribuições que tive a oportunidade de acompanhar.

Comecei no Mobral como estagiária de uma turma de alfabetização que funcionava à noite, em um clube em Copacabana, no Rio de Janeiro, em que os estudantes eram, na maioria, empregadas domésticas e porteiros dos arredores. A professora era uma prima, também querida e influenciada pelo meu tio, e que seguia à risca as orientações da cartilha e dos manuais do projeto. O material didático era muito bonito, belas imagens e papel de qualidade. Os alunos adoravam receber e exibir seus livros e nós adorávamos trabalhar com os pôsteres e cartazes. Hoje fico assustada com minha responsabilidade e meu despreparo, o que, tomado de forma mais geral como

questão para a seleção e a formação dos educadores, pode ser uma das justificativas para os baixos resultados do projeto.

O Movimento iniciou suas atividades com o compromisso de dedicar-se à alfabetização de adultos, mas tornou-se uma superestrutura, expandindo-se por todo o país no final da década de 70 e ampliando o seu campo de atuação às quatro primeiras séries do Ensino Fundamental. As metas iniciais previstas, no entanto, ficaram longe de serem atingidas. Isso porque o Mobral não alterou as bases do analfabetismo, calcadas fundamentalmente na estrutura organizacional da educação no país. Além disso, o seu modelo foi bastante condenado como proposta pedagógica por ter como preocupação principal apenas o ensinar a ler e a escrever, sem nenhuma relação com a formação do homem. (MENEZES, 2001, p.1).

Em 1974, passei a dar aulas em um curso supletivo noturno, em um colégio religioso no Rio de Janeiro, organizado pelos alunos do turno diurno do colégio, todos oriundos de classe média e alta da cidade, que atendia a uma comunidade pobre do seu entorno, o Morro do Borel, na Tijuca. Foi então que conheci os escritos de Paulo Freire. Em plena ditadura militar, “Pedagogia do oprimido” foi a leitura diária escondida de um grupo de jovens “professores” voluntários que queriam transformar o mundo. Lembro-me que andávamos com o livro misturado entre os trabalhos dos estudantes, com o “coração na boca”, com medo de sermos “descobertos”.

A realidade social, objetiva, que não existe por acaso, mas como produto da ação dos homens, também não se transforma por acaso. Se os homens são os produtores desta realidade e se esta, na “invasão da práxis”, se volta sobre eles e os condiciona, transformar a realidade opressora é tarefa histórica, é tarefa dos homens. Ao fazer-se opressora, a realidade implica na existência dos que oprimem e dos que são oprimidos. Estes, a quem cabe realmente lutar por sua libertação juntamente com os que com eles em verdade se solidarizam, precisam ganhar a consciência crítica da opressão, na práxis desta busca. (FREIRE, 1987, p. 24).

Como alfabetizadora “certificada pelo Mobral”, utilizava os materiais oficiais do projeto nas minhas aulas de alfabetização, mas totalmente reformulados pelas leituras e atravessamentos freirianos. Isso revela que por trás de uma aparente contradição Paulo Freire estava presente nas salas do Mobral, a partir de táticas tecidas na vida cotidiana, carregadas de sentidos. “Essas ‘maneiras de fazer’ constituem as mil práticas pelas quais os usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas da produção sócio-cultural.” (CERTEAU, 2000, p. 41). Eram belas imagens e bonitos cartazes que se transformavam em possibilidades de novas histórias. Os cartazes e cartilhas eram totalmente revisitados e ressignificados. Lembro-me bem de uma página com a palavra FOGUETE e uma imagem de um foguete espacial. Mas, como para os estudantes a palavra “foguete” significava São João, resolvemos fazer uma festa junina e transformar o belo material didático em bandeirinhas que decoraram a sala no dia da celebração. E foram

muitas festas. As noites de aula eram ‘*espaçostempos*’ de trocas, escutas e muitas aprendizagens. Eu tinha 18 anos... Quem aprendeu mais com essa experiência? Eu ou os estudantes, entre eles uma linda senhora com 84 anos, que nunca havia frequentado uma sala de aula e levava um bolo toda semana para nossas celebrações...

Em verdade, não seria possível à educação problematizadora, que rompe com os esquemas verticais característicos da educação bancária, realizar-se como prática da liberdade, sem superar a contradição entre o educador e os educandos. Como também não lhe seria possível fazê-lo fora do diálogo. É através deste que se opera a superação de que resulta um termo novo: não mais educador do educando do educador, mas educador-educando com educando-educador. Desta maneira, o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os “argumentos de autoridade” já não valem. (FREIRE, 1987, p. 44).

Foram anos decisivos para minha vida. O trabalho noturno era muito mais interessante do que as aulas do Ensino Médio, antigo Segundo Grau, que cursava durante o dia. Aprendi muito mais com os estudantes, Paulo Freire e meus companheiros docentes, jovens que se reuniam para preparar suas aulas e discutiam diariamente o aprendizado de cada estudante. Quando alguém faltava por algum tempo, subíamos o morro para saber o que estava acontecendo. Naquele tempo, não existia celular, nem computador, e telefone fixo era um patrimônio caro. Também não existiam milícias, facções de traficantes nem muros simbólicos que dividiam asfalto e favelas, apesar de existir pobreza e desigualdade social.

Era um prazer chegar à sala de aula e encontrar pessoas dispostas a falarem de suas vidas, contarem suas histórias e serem valorizadas por elas. E assim, se disponibilizarem a aprender, a ler e a escrever, entendendo qual a importância desse conhecimento para seus cotidianos. O que menos importava era o alfabeto, por mais que muitos insistissem, no final da aula, nas cópias diárias e na caligrafia, pois era isso que era importante nas escolas frequentadas no passado. Alguns reclamavam, alegando que brincávamos muito e estudávamos pouco. Mas era emocionante quando eles próprios se davam conta de que estavam lendo, no meio de uma “brincadeira”. Não era mágica, era o interesse de ler o mundo e de se expressar, que fazia com que os sons e regras da escrita alfabética fossem apropriados pelos alunos sujeitos, cada um do seu jeito, cada um no seu tempo.

Para mim seria impossível engajar-me num trabalho de memorização mecânica dos ba-be-bi-bo-bu, dos la-le-li-lo-lu. Daí que também não pudesse reduzir a alfabetização ao ensino puro da palavra, das sílabas ou das letras. Ensino em cujo processo o alfabetizador fosse “enchendo” com suas palavras as cabeças supostamente “vazias” dos alfabetizados. Pelo contrário, enquanto ato de conhecimento e ato criador, o processo da alfabetização tem, no alfabetizando, o seu sujeito. O fato de ele necessitar da ajuda do educador, como ocorre em qualquer relação

pedagógica, não significa dever a ajuda do educador anular a sua criatividade e a sua responsabilidade na construção de sua linguagem escrita e na leitura desta linguagem. Na verdade, tanto o alfabetizador quanto o alfabetizando, ao pegarem, por exemplo, um objeto, como laço agora com o que tenho entre os dedos, sentem o objeto, percebem o objeto sentido e são capazes de expressar verbalmente o objeto sentido e percebido. Como eu, o analfabeto é capaz de sentir a caneta, de perceber a caneta e de dizer caneta. Eu, porém, sou capaz de não apenas sentir a caneta, de perceber a caneta, de dizer caneta, mas também de escrever caneta e, conseqüentemente, de ler caneta. A alfabetização é a criação ou a montagem da expressão escrita da expressão oral. Esta montagem não pode ser feita pelo educador para ou sobre o alfabetizando. Aí tem ele um momento de sua tarefa criadora. (FREIRE, 1989, p. 13).

Continuei alguns anos trabalhando no supletivo, como professora, indo muito além da preocupação em ensinar a ler e a escrever; creio que este foi o período em que mais alfabetizei. Conversávamos sobre História, Geografia, Ciências, Matemática, receitas de bolo, dificuldades com os filhos e com o trabalho. Havia um jovem que servia durante o dia o Exército e desabafava, às vezes, um pouco da dura realidade do quartel onde atuava. Estávamos em plena ditadura militar e acompanhar a tortura fazia parte de suas tarefas. Ele trazia para nossa sala de aula um pouco da dura realidade que existia fora dela, ao mesmo tempo em que dividia um pouco de seu sofrimento conosco. Trocávamos nossas indignações, medos e aprendizagens. Se eu consegui entrar com facilidade na universidade, no ano seguinte, credito a essa experiência, mais do que ao cursinho preparatório que também frequentava. Preparei-me nessas redes educativas em que os ‘dentrofora’ são tecidos nas conversas cotidianas...

As noites passavam rápido, entre conversas, brincadeiras e também entre provas, cópias e ditados. Essa foi a contrapartida solicitada pelos estudantes nas turmas em que atuei: eles exigiam o momento do “dever”, trazendo à cena suas experiências anteriores como referência das aprendizagens escolares “importantes”. Respeitava esse desejo, entendendo ser parte da negociação entre nossos diferentes e múltiplos desejos e saberes.

Se antes a alfabetização de adultos era tratada e realizada de forma autoritária, centrada na compreensão mágica da palavra, palavra doada pelo educador aos analfabetos; se antes os textos geralmente oferecidos como leitura aos alunos escondiam muito mais do que desvelavam a realidade, agora, pelo contrário, a alfabetização como ato de conhecimento, como ato criador e como ato político é um esforço de leitura do mundo e da palavra. Agora já não é possível texto sem contexto. (FREIRE, 1989, p. 19).

Palavras que se encontram: caminhos cruzados

Por outro lado, eu, Rosa Helena Mendonça, a outra autora deste texto, também vivia as experiências freirianas. Foi por intermédio de minha mãe, Aída Campbell, que

atuou como professora e diretora, no supletivo (horário noturno), que tive os primeiros contatos com a experiência de alfabetização de Paulo Freire, ainda nos anos 1960. Mais tarde um pouco, já lecionando na Faculdade de Educação, da UFRJ, ela fez sua dissertação de mestrado, nos anos 1970, sobre a experiência de educação de jovens e adultos. O título, sugerido pela orientação, não agradou a pesquisadora da FE/UFRJ. Longo e técnico demais teve sua rigidez quebrada pela epígrafe, extraída do discurso de formatura (1976) de um aluno, Agney Vieira, da 8ª série da Escola de Ensino Supletivo EEES México, do 2º Distrito de Ensino Supletivo DES/RJ: “o estudante supletivo não é o estudante que trabalha, ele é o trabalhador que estuda”. Paulo Freire, embora não apareça nas referências bibliográficas, está presente no trabalho e eu me lembro das conversas dela com colegas da universidade e do sentimento de opressão que vivenciavam por não poder usar e referendar o escritor banido, entre outras supressões de liberdade.

Voltando às duas autoras deste texto, anos mais tarde (1980), tivemos o privilégio de ouvir Paulo Freire, ao vivo, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), quando retornou ao Brasil. Foi um momento repleto de ‘*passadofuturo*’. Na concha acústica, lotadíssima, Paulo Freire falou sobre suas experiências na África, e em um determinado momento apresentou alguns *slides* com desenhos de bonequinhos representando homens e mulheres africanas que iam estudar na Europa e voltavam com as cabecinhas brancas. Até hoje temos essa imagem como referência para os processos de aculturação e dominação cultural.

Na época, nós não nos conhecíamos, mas já comungávamos de interesses e posições que viriam a nos aproximar profissionalmente no anos 1990, já num momento de abertura política e de ares democráticos. Sempre inspiradas em Paulo Freire...

Mas, fundamentalmente, sabíamos que a ajuda que nos pediam só seria verdadeira na medida em que, em seu processo, jamais pretendêssemos ser os exclusivos sujeitos dela, reduzindo, assim, os nacionais que a solicitavam, a puros objetos da mesma. A ajuda autêntica, não é demais insistir, é aquela em cuja prática os que nela se envolvem se ajudam mutuamente, crescendo juntos no esforço comum de conhecer a realidade que buscam transformar. Somente numa tal prática, em que os que ajudam e os que são ajudados se ajudam simultaneamente, é que o ato de ajudar não se distorce em dominação do que ajuda sobre quem é ajudado. (FREIRE, 1978, p. 11).

Seguimos a vida atuando em projetos de educação e cultura em diferentes experiências até que nos encontramos no programa Salto para o Futuro, da TV Escola (1991). O programa, que utilizava diferentes mídias (TV, telefone, fax, internet e material impresso), se tornou referência na formação de professores no país. Nos debates, entremeados pela apresentação de vídeos, muitos dos quais gravados em escolas de todo o país, questões de urgência social, assim como a questão da Educação de Jovens, adultos e idosos sempre tiveram destaque. Contamos para isso com as consultorias de Jane Paiva (UERJ) e de Moacir Gadotti (Instituto Paulo Freire), entre outros. Foi numa das séries sobre Escola Cidadã que tivemos o privilégio de entrevistar Paulo Freire, na sede do Instituto Paulo Freire, em São Paulo, no ano de 1996. Já com restrições de atividades por

ordens médicas, Paulo Freire recebeu a equipe de gravação para falar de seu livro mais recente: *Pedagogia da autonomia*, sua última publicação em vida, que sintetiza suas experiências anteriores, enfatizando o diálogo, a curiosidade e criticando o neoliberalismo e a globalização.

Enquanto Rosa seguiu atuando no programa Salto para o Futuro, até 2015, tendo defendido, em 2014, uma tese na qual a experiência é tomada como pano de fundo, Márcia atendeu a novos desafios. Vieram a se reencontrar em 2020, integrando o mesmo grupo de pesquisa, uma realizando uma tese de doutorado e a outra um estágio de pós-doutorado.

Seguindo com a história de Márcia, o ano de 1998, trouxe o privilégio de participar da implantação de um projeto de alfabetização de jovens e adultos em cidades pequenas no interior do país. Paulo Freire já não estava mais entre nós, mas tínhamos em mãos suas obras, em especial, as mais recentes: “*Pedagogia da autonomia*” e “*Pedagogia da Indignação*”. Voltando ao tema inicial deste texto, sobre as possíveis escritas da história, nesse momento, o Brasil vivia os resultados de uma eleição direta, no governo Fernando Henrique Cardoso (1995 a 2003), usufruindo da sensação de liberdade de escolha, mesmo que sob os ares neoliberais – sentimentos totalmente refletidos nas publicações de Paulo Freire à época.

O projeto chamava-se SESC Ler e tinha como objetivo a alfabetização e a educação de jovens e adultos, nas regiões Norte e Nordeste do país. Levava na minha bagagem a experiência de alfabetizadora de jovens e adultos, de professora de arte-educação do ensino fundamental e de gestora de escola. E novamente Paulo Freire foi minha referência. Fui convidada a assessorar a criação e implementação do projeto, em 1998, com a equipe de educadores do SESC Nacional, coordenada por Maria Alice Lopes Souza, e dos Departamentos Regionais nos estados onde o projeto foi realizado.

O SESC Ler foi, e continua sendo, uma iniciativa do Serviço Social do Comércio (SESC), Departamento Nacional, corroborando com a política de alfabetização do governo federal, à época, especialmente o projeto Comunidade Solidária, organizado pela então primeira-dama, Ruth Cardoso. O SESC é uma instituição criada em 1946, pelo empresariado do comércio, quando “reconhece que uma sólida paz social, fundada na ordem econômica, há de resultar precipuamente de uma obra educativa, por meio da qual se consiga fraternizar os homens, fortalecendo neles os sentimentos de solidariedade e confiança”, conforme especificado no seu documento fundante, *A Carta da Paz Social*, 1945.

Ele foi implantado inicialmente na região Norte do país: Benevides, Salinópolis, Inhangapí, São Francisco do Sul, no Pará; Coari, Itacoatiara, Manacapuru, Maués, Parintins, Tefé, Presidente Figueiredo e Manaus, no Amazonas; Iracema, Rorainópolis e São João da Baliza, em Roraima; Ji-Paraná, Ariquemes, Nova Mamoré e Vilhena, em Rondônia; Laranjal do Jari, Mazagão, Sete Mangueiras, no Amapá.

De acordo com Ada Lobato³, gerente de cultura do SESC Nacional no período, responsável pela implantação e desenvolvimento do projeto:

O Governo Federal solicitou ao SESC Nacional uma forte atuação na alfabetização. O projeto inicialmente foi implantado na Região Norte por ter sido considerada, após pesquisa, de grande desvantagem educativa em relação às outras regiões brasileiras, por possuir comunidades muito

carentes e isoladas. Eram objetivos do Sesc Ler: alfabetizar jovens e adultos que frequentariam salas de aula em Centros Educacionais de caráter interdisciplinar e participativo, construídos pelo Sesc; oferecer aos seus alunos uma concepção de alfabetização com uma proposta educativa em que o aprendizado da leitura e escrita fosse realizado numa constante prática de diálogos entre professores e alunos; propor uma ação alfabetizadora articulada à programação esportiva, artística e cultural.

A partir de acordos entre as federações do Comércio dos estados, as prefeituras interessadas doavam um terreno para a construção do prédio. Durante a obra, o SESC contratava uma professora ou professor para coordenar o projeto na cidade. Esse profissional fazia um diagnóstico do quadro de analfabetismo, buscava conhecer essa realidade e iniciava uma turma, em parceria com alguma instituição local, como um Círculo de Cultura – uma das metodologias construídas por Paulo Freire –, com o objetivo de dialogar com as pessoas, suas histórias, desejos e dificuldades e ir tecendo o trabalho pedagógico com eles. Com o prédio pronto, estruturavam-se quantas turmas fossem necessárias e que coubessem nas três salas, nos diferentes turnos. Os professores eram contratados e vivenciavam um processo de educação continuada, com reuniões presenciais e telemediadas, formando um rede local e nacional.

Precisávamos de uma Pedagogia de Comunicação, com que vencêssemos o desamor acrítico do antidiálogo. Há mais. Quem dialoga, dialoga com alguém sobre alguma coisa. Esta alguma coisa deveria ser o novo conteúdo programático da educação que defendíamos. E pareceu-nos que a primeira dimensão deste novo conteúdo com que ajudaríamos o analfabeto, antes mesmo de iniciar sua alfabetização, na superação de sua compreensão mágica como ingênua e no desenvolvimento da crescentemente crítica, seria o conceito antropológico de cultura. A distinção entre os dois mundos: o da natureza e o da cultura. O papel ativo do homem em sua e com sua realidade. (FREIRE, 1967, p. 109).

Entre 1998 e 2015 foram construídas em torno de 70 unidades, hoje, Centros Educacionais, em diferentes regiões do país, em cidades com baixo índice de desenvolvimento humano e população inferior a 20 mil habitantes, além de algumas capitais. O grande diferencial da proposta era a existência de um projeto político-pedagógico construído de forma participativa, em que se expressavam os estudantes, professores, secretários de educação e cultura das cidades; educadores e assessores da instituição mentora. E o grande destaque era a construção dos prédios, com três salas de aula, biblioteca, espaço multiuso, jardins, cantina e um campo de futebol para uma parcela da população, geralmente ignorada ou desprezada pela sociedade. Jovens e adultos analfabetos tinham um lugar próprio de pertencimento. Não precisavam mais ocupar *espaçosporfavor*, quando escolas, igrejas ou clubes cediam horários vagos, normalmente noturnos, sempre ocupados com parcimônia e recomendações para não deixarem marcas que atrapalhassem as atividades principais, diurnas.

Com esse projeto o SESC cria uma gerência específica de educação, ampliando suas ações na área nos diferentes segmentos de ensino, em todo o país. De acordo com

Ada Lobato, a instituição expande seus horizontes para além de ações de lazer e assistência. Para a gerente:

O SESC se assume como uma entidade de prestação de serviços de caráter sócio-educativo. Sua diretriz básica é imprimir um caráter eminentemente educativo a todas as suas atividades. Estrutura-se uma área voltada para a educação formal, englobando todos os segmentos de ensino e, o mais significativo, consolida um projeto nacional de formação de professores. O projeto onde foi implantado contribuiu para formação de agentes culturais através dos professores/ alfabetizadores que atuavam com a comunidade local. Os Centros Educacionais tornaram espaços de cultura promovendo uma nova forma de viver. Um espaço educativo para o desenvolvimento do indivíduo e melhoria de suas condições de vida. A proposta pedagógica do Sesc Ler tem uma ligação “amorosa” com Paulo Freire. Ele, que sempre enfatizou a importância de pensar a prática enquanto a melhor maneira de aperfeiçoar a prática. A pergunta que sempre era feita: o que esperamos que jovens e adultos façam com suas habilidades de leitura e escrita adquiridas? A proposta do projeto sempre desejou que seus alunos desenvolvessem novas formas de raciocínio, que tivessem interesse pelos fatos do mundo, fossem agentes de transformações e, assim, melhorando suas vidas.

Desde o início do projeto, a Alfabetização era entendida no seu sentido amplo, o que possibilitava que os estudantes ficassem alguns anos na escola, muitos saindo para ingressarem no ensino regular, na quinta série do Ensino Fundamental, na época. Além de atuar com educação de jovens e adultos, as unidades do Sesc Ler atendiam, e continuam atendendo, crianças no contraturno das escolas regulares, com propostas de educação complementar, além de se transformarem em centros culturais e esportivos abertos à cidade. Não era raro receber pedidos para realização de festas e mesmo para que noivos pudessem fazer fotos para compor seus álbuns de casamento, indicando a importância simbólica do espaço para a comunidade.

Paulo Freire deixou-nos um legado com muitas histórias e reflexões sobre o modo de pensar e fazer educação, o que podemos conhecer através de suas publicações e feitos, como também através das nossas relações com elas, com os modos como nos apropriamos e nos reinventamos a partir das redes educativas que tecemos nos diversos *espaçostempos* onde *‘ensinamosaprendemos’*. Como nos sinaliza os Estudos nos/dos/com os Cotidianos, pertencemos a diversas redes educativas, que ajudamos a tecer, mas também nos tecem e tecem nossos cotidianos.

Em primeiro lugar chamo a atenção para que entendendo que todas essas redes são “*espaçostempos*” de reprodução, transmissão e criação de “*prácticasteorias*” que se articulam, permanentemente, embora com intensidades e sentidos diversos, dependendo da ocasião, do lugar, dos “*praticantespensantes*” envolvidos, do acaso. Todos nós, nesses diferentes “*espaçostempos*”, somos marcados pelas relações que mantemos com muitos outros “*praticantespensantes*”, em muitos e complexos mundos culturais (Augé, 1997; Alves, 2014) que nessas redes são criados e recriados. (ALVES, 2019, p. 115, grifos no original).

Algumas palavras finais

Neste trabalho, trazemos fragmentos de algumas experiências tecidas com diferentes instituições, nas quais diversas redes educativas se constituíram e nos constituíram, tendo a historiografia da educação freiriana como uma das mais fortes e resistentes linhas dessas costuras.

Paulo Freire é reconhecido como um dos maiores educadores do mundo, pois trouxe um olhar revolucionário diante de uma educação bancária, reprodutora de um modelo de opressão e manutenção de uma sociedade desigual. Mesmo admitindo a importância desse modelo de educação – quando foi revolucionário ao possibilitar a democratização do acesso à escola na Revolução Burguesa, há dois séculos – este já não atende, hoje, às demandas sociais nem responde às questões epistemológicas do mundo contemporâneo. As comemorações dos 100 anos de ‘*vidahistória*’ de Paulo Freire precisam recuperar o vigor de suas falas e proposições em relação aos modos de fazer e de viver Educação, a partir de suas vivências desde a sala de aula, no interior do Nordeste brasileiro, à gestão da maior Secretaria Municipal de Educação do país, na época, quando Luiza Erundina esteve na prefeitura de São Paulo (1989/1992).

Significa reconhecer que somos seres condicionados, mas não determinados. Reconhecer que a História é tempo de possibilidade e não de determinismo, que o futuro, permita-se-me reiterar, é problemático e não inexorável. Devo enfatizar também que este é um livro esperançoso, um livro otimista, mas não ingenuamente construído de otimismo falso e de esperança vã. (FREIRE, 1996, p. 11).

Paulo Freire é ainda hoje homenageado em muitos países. Suas dezenas de obras estão traduzidas em mais de 20 idiomas. Recebeu 39 títulos de doutor *honoris causa* e mais de 150 reconhecimentos honoríficos. Entretanto, no Brasil, esse educador pernambucano foi recentemente discriminado pelo atual governo brasileiro de Jair Bolsonaro, com sua política negacionista e pouco interessada no bem comum da população. Mais do que nunca, precisamos contar com o coração as histórias e experiências que recuperem o verbo “esperançar” como verbo transitivo direto e indireto. Esperançar a realização de teias cotidianas e políticas públicas que garantam uma educação de qualidade a todos e todas.

Referências

ALVES, Nilda. **Práticas pedagógicas em imagens e narrativas**: memórias de processos didáticos e curriculares para pensar as escolas hoje. São Paulo: Cortez, 2019.

BRASIL. Ministério da Justiça. Arquivo Nacional. Mobral. **Que república é essa? Portal Estudos do Brasil Republicano**, 11 nov. 2019. Disponível em: <http://querepublicaeessa.an.gov.br/temas/66-filme/191-mobral.html>. Acesso em: 13 abr. 2021.

CERTEAU, Micheal de. **A invenção do cotidiano**. 5. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2000. (Artes de Fazer, 1).

CERTEAU, Micheal de. **A escrita da história**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

CUNHA, Luís Antonio; XAVIER, Libânia. Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral). In: CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL (Rio de Janeiro). **Acervo CPDOC**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, s/d. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/movimento-brasileiro-de-alfabetizacao-mobral>. Acesso em: 13 abr. 2021.

FRAZÃO, Dilva. Biografia de Paulo Freire. **E-Biografia**, 24 dez. 2019. Disponível em: https://www.ebiografia.com/paulo_freire/. Acesso em: 13 abr. 2021.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. **Cartas à Guiné-Bissau**: registros de uma experiência em processo. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. 23. reimp. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Fundação Editora UNESP, 2000.

MENEZES, Ebenezer Takuno de. Mobral (Movimento Brasileiro de Alfabetização). **Dicionário Interativo da Educação Brasileira – EducaBrasil**. São Paulo: Midiamix Editora, 2001. Disponível em: <https://www.educabrasil.com.br/mobral-movimento-brasileiro-de-alfabetizacao/>. Acesso em: 10 abr. 2021.

SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO (SESC). **A carta da paz social**. Teresópolis, maio de 1945. Disponível em: https://www.sesc.com.br/portal/sesc/o_sesc/A+Carta+da+Paz+Social/. Acesso em: 13 abr. 2021.

SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO (SESC) (Rio de Janeiro). Sobre o Sesc. **Portal Sesc**. Disponível em: https://www.sesc.com.br/portal/sesc/o_sesc/. Acesso em: 13 abr. 2021.

SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO (SESC) (Rio de Janeiro). **Sesc Ler**. Disponível em: <https://www.sesc.com.br/portal/educacao/EJA/SescLer/>. Acesso em: 13 abr. 2021.

¹ Na linha de pesquisa com os cotidianos, a opção de grafar algumas palavras juntas, em itálico e entre aspas simples busca evidenciar a não-dicotomização e a indissociabilidade entre alguns os termos.

² Paulo Freire foi considerado Patrono da Educação Brasileira, Lei 12.612/2012, governo Dilma Rousseff.

³ Entrevista concedida por email, no dia 14/03/2021 como parte da pesquisa para compor esse trabalho.

Submetido em abril de 2021.

Aprovado em junho de 2021.

AUTORIA

Marcia Costa Rodrigues

Doutoranda do ProPEd/UERJ, orientanda de Nilda Alves e membro do Grupo de Pesquisa Currículos cotidianos, redes educativas, imagens e sons.

E-mail: marcia.rodrigues.rio@gmail.com

ORCID: <http://orcid.org/0000000239135901>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/38721333356128279>

Rosa Helena Mendonça

Doutora em Educação pelo ProPEd/UERJ, tendo concluído o pós-doutorado com bolsa PNPd/Capes-Faperj. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Currículos cotidianos, redes educativas, imagens e sons, sob a coordenação de Nilda Alves.

E-mail: rhmen50@gmail.com

ORCID: <http://orcid.org/0000000347783551>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4785315758134160>